

INTELECTUAL MARGINAL: UMA CARTA À CAROLINA MARIA DE JESUS

Mariana Augusta da Silva Costa Augusto¹

Resumo: No presente artigo é utilizado a carta como um recurso metodológico para abordar questões relacionadas a gênero, raça e classe de maneira subjetiva sem abrir mão do rigor científico ao tratar sobre tais temas que são de suma importância para sociedade atual. A escritora Carolina Maria de Jesus é a personificação das complexidades existentes em ser uma mulher negra. Portanto, por conta de termos convergências físicas, sociais e pontos de interesse em comum, como a escrita, ela e eu somos a centralidade desta construção científica, pois existe uma marginalização de corpos negros, como o nosso, na constituição daquilo que denominamos ser algo intelectual, isto é, a produção de conhecimento realizada por pessoas negras ora é invisibilizada, ora tratada como algo não intelectual ou insuficiente no campo acadêmico. Logo, este trabalho irá trazer algumas reflexões, a partir da vida de Carolina Maria de Jesus e a minha, sobre a construção da intelectualidade negra que perpassa por diversas mazelas sociais. Aqui são utilizadas como principais referências teóricas as escritoras intelectuais bell hooks, Grada Kilomba e Patrícia Hill Collins para a análise do “outro”, do silêncio, do gênero e da negritude. O jornalista e biógrafo de Carolina, Tom Farias, também é utilizado como referência.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, escrita, intelectual, marginal.

OUTSIDER INTELECTUAL: A LETTER TO CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract: In this article, the letter is used as a methodological resource to address issues related to gender, race and class in a subjective way without compromising scientific rigor when dealing with such topics that are of paramount importance for today's society. Writer Carolina Maria de Jesus is the personification of the complexities of being a black woman. Therefore, because we have physical, social convergences and points of common interest, such as writing, she and I are the centrality of this scientific construction, as there is a marginalization of black bodies, like ours, in the constitution of what we call being something intellectual, that is, the production of knowledge carried out by black people is sometimes made invisible, sometimes treated as something non-intellectual or insufficient in the academic field. Therefore, this work will bring some reflections, based on the lives of Carolina Maria de Jesus and mine, on the construction of black intellectuality that permeates various social ills. Here the intellectual writers bell hooks, Grada Kilomba and Patrícia Hill Collins are used as the main theoretical references for the analysis of the “other”, silence, gender and blackness. Carolina's journalist and biographer, Tom Farias, is also used as a reference.

Keywords: Carolina Maria de Jesus, writing, intellectual, outsider.

¹ Mestranda em Ensino (UFF)

1. INTRODUÇÃO

É impossível para mim começar essa escrita sem falar sobre o que nos une, Carolina, que é a tonalidade de nossa pele — a preta, a paixão pela escrita e a marginalidade na construção intelectual. Você fala sobre a sua vida em primeira pessoa, conta as suas experiências apesar de todas as adversidades. A auto-escrita ou a escrevivência, como conceitua Conceição Evaristo, faz com que você se porte enquanto sujeito no mundo e involuntariamente restabeleça a sua humanidade que é dilacerada na materialidade do cotidiano. Você é a dona de sua própria narrativa, sem mais. E ser dona da própria narrativa destitui alguns parâmetros sociais que a branquitude insiste em nos colocar, como não sujeitos e uma sub-raça isenta de complexidades e história. E quando você é, Carolina, nós somos.

Há algum tempo venho refletindo sobre a escrita, sobre a função que ela exerce na minha vida, o seu sentido é incógnita para mim e esse é um dos meus questionamentos atuais, acredito que um dos maiores quando relativizo as minhas angústias materiais. Angústias que aparecem quando as contas estão sobre a mesa, aquela urgência sobre o futuro que parece nos matar aos poucos, você conhece essa sensação melhor do que eu e poderia afirmar categoricamente o quão incômodo é esse sentimento de ansiedade sobre o tempo.

Acompanho a trajetória de diversos escritores que tratam as palavras como se fosse algo vital, escrevendo sobre qualquer superfície de papel em qualquer lugar, seja no trabalho, seja andando pelas ruas de metrô. E você foi assim, isso é algo que me deixa impressionada, observar que a escrita é como uma pulsão de vida para algumas pessoas e elas sabem exatamente qual o sentido dar a ela. Para mim é um grande mistério, confesso, e isso me deixa inquieta desde o momento em que descobri o quanto gosto de escrever, mas não tenho certeza sobre a sua funcionalidade na minha existência. Isso acontece porque não escrevo desde a infância cada detalhe do meu cotidiano, então o sentido da escrita se torna complexo para mim e, paradoxalmente, me sinto incapaz de descrever de maneira subjetiva essa complexidade.

E acredito que aqui temos uma problematização importante: meninas negras não são estimuladas intelectualmente desde o período da infância. Utilizo a sua trajetória, Carolina, como uma referência para pensar o processo marginal da construção da intelectualidade negra, já que historicamente, fomos impedidos de estudarmos em um ambiente de educação formal, e quando somos contemplados neste âmbito nos deparamos com um espaço hostil de aprendizagem e incapaz de lidar com a nossa existência e as demandas que ela exige, fazendo com que tenhamos que encarar a violência simbólica de forma rotineira em um local que em tese deveria ser democrático e voltado para a formação humana.

Porém, a escola dentro da sociedade do capital exerce a funcionalidade de manter o *status quo* reproduzindo através das práticas escolares alguns estigmas presentes na sociedade. Você, por exemplo, precisou sair da escola muito cedo para trabalhar, como acontecia com muitas pessoas negras na década de 1920, ou antes da educação básica ser obrigatória em 1988, o que obviamente não impede de ocorrer tal ato no século XXI.

Contudo, durante sua estadia na instituição escolar ainda precisou enfrentar os apelidos racistas que os colegas de classe a denominaram e imagino o quanto isso deve ter doído, encarar uma violência racial tão explícita sendo tão pequena. Eu imagino a sua

dor, porque apesar da distância temporal entre a década de 1920 e dos anos 2000, eu também passei por isso. E acredite se quiser, Carolina, ainda estamos muito longe de superar essa violência dentro da escola, por isso acredito ser importante honrar a sua história, porque você é uma representação positiva para nós mulheres negras de que é possível, e não uma possibilidade dentro de uma perspectiva meritocrática alienante, mas sim sobre desprendimento da escrita colonial que nos incapacita de apenas ser.

2. INTELECTUAL MARGINAL

Tudo tenho feito para torcer a linha do meu destino e esquecer a tortura dos versos que me encham a cabeça, mas eles brotam do meu pensamento e eu não tenho outro remédio senão dar-lhes expansão. Está aqui o fruto das minhas ideias (Carolina de Jesus *apud* FARIAS, 2018, p. 1180)

A forma marginal como o nosso intelecto é constituído também nos mostra a nossa potência perante o mundo, Carolina, e também demonstra o desvelamento de algumas máscaras coloniais. A Grada Kilomba (2021) denomina como máscara do silenciamento. No período colonial os escravizados eram obrigados a usarem uma máscara na boca para evitar que comessem a cana-de-açúcar enquanto exerciam as suas funções laborais nas plantações, conforme Grada (2021). Mas, de acordo com suas próprias palavras (2021, p. 33), “sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e tortura”.

A quebra do silêncio é também a quebra de determinado controle. E o pimento desse silêncio pode ocorrer em formato diverso dentro da cultura, já que é através dela que cumprimos a nossa *desobediência poética*² e restabelecemos a nossa humanidade. Eu gosto muito da Grada Kilomba, porque assim como você, ela também expõe a necessidade de outras formas de escritas, já que a nossa construção enquanto sujeito negro é desenvolvida a partir da presença do “outro” branco (Grada, 2021), sendo assim, o exercício de uma escrita outra nos coloca em confronto com certas denominações daquilo que o “outro” quer de nós.

A construção da identidade de maneira geral ocorre em uma junção entre os fatores biológicos e culturais, no âmbito familiar e nas instâncias fora dela, uma relação entre o sujeito e a cultura. Mas quando falamos sobre a construção da identidade do sujeito negro, existe um atravessamento histórico que faz com que a relação harmoniosa entre ele e o meio seja subtraída, criando um outro modelo de identificação: a do branco. No prefácio do livro “*Tornar-se Negro*” da escritora Neusa Santos Souza, o psiquiatra Jurandir Freire Costa (1983, p.4) fala que o branco é o modelo normativo-estruturante e se impõe socialmente como algo positivo, como se fosse o herdeiro legítimo do progresso e desenvolvimento do homem. Como se a brancura fosse um traço de valoração humana.

Sempre fomos impedidas de sermos nós mesmas, Bitita,³ e lidar com tal fato é muito duro. A você foi prometido um remédio para embranquecer na infância e eu comecei a juntar moedas para uma cirurgia para afinar o meu nariz, até que um dia fomos obrigadas a nos entender enquanto seres positivos no mundo e só conseguimos isso através da literatura.

² Terminologia que Grada Kilomba utilizou em 2019 para nomear a sua exposição de arte.

³ Apelido de infância da Carolina Maria de Jesus.

Tendo o branco como referência de humanidade, construímos uma idealização, um desejo de embranquecimento, Jurandir Freire Costa (1983, p. 5) diz que ao construir essa relação a pessoa negra "deseja, nada mais, nada menos, que a própria extinção. Seu projeto é o de, no futuro, deixar de existir; sua aspiração é a de não ser ou não ter sido". Sendo assim, nós iniciamos uma batalha contra o próprio corpo. O corpo como fonte de vida e prazer, como diz o autor (1983, p. 6), começa a ser perseguido e odiado, "o sujeito negro, possuído pelo ideal de embranquecimento, é forçado a querer destruir os sinais de cor do seu corpo e da sua prole", e ele (1983, p.7) continua afirmando que "o pensamento do sujeito negro, parasitando pelo racismo, termina por fazer do prazer um elemento secundário na vida do corpo". A violência racial irá afetar a nossa forma de pensar o que consequentemente afeta a organização psíquica e o princípio de prazer cede o espaço para que a vire o centro do pensamento, segundo o Jurandir (1983). Desta maneira, a violência racial subtrai aquilo que nos torna humanos e passamos a não ser.

Eu sei o quanto você gostava de ler e o quanto se preocupava com a cultura e como isso automaticamente alimentava os seus sonhos, e é por isso, Carolina, que aqui eu tomei uma decisão política, não quero falar sobre a fome. Entendo que o fator da pobreza foi um atenuante em sua vida e a transformou em um objeto de curiosidade das pessoas quando alcançou a fama, mas você não é um objeto e não pode ser reduzida a pobreza, você é muito maior que isso e as pessoas precisam saber que para além de tudo, você foi uma mulher que sonhou, que gostava de ler debaixo de árvores e que deixava a comida queimar porque estava lendo.

Carolina, o meu sonho também é ser escritora e me dedicar somente ao desenvolvimento da escrita. Porém, infelizmente, essa não é uma realidade possível, assim como não foi para você, que foi submetida a subempregos para conseguir sobreviver. Compreendo as diferenças gritantes entre os nossos contextos sociais. Embora eu seja uma mulher negra pobre, eu consegui ter acesso a educação com muita dificuldade e auxílio dos meus pais. Hoje eu sou pedagoga, mestranda e escritora nas horas vagas, mas mesmo assim precisei e ainda preciso enfrentar uma dupla jornada de estudo e trabalho, e por mais dura que seja, continua sendo uma condição melhor que grande parte da conjuntura que você estava inserida no século XX.

E, diferente da sua realidade, a escrita de forma consciente apareceu tardiamente para mim, pelo menos a considero assim, tardia. Portanto, não me conheço tão bem através dela, ao menos não como gostaria. No período escolar não achava que escrevia de maneira correta, ou era boa o bastante para ser uma estudiosa. Eu tinha poucas informações sobre técnicas de leitura, pouco acesso a livros e o racismo me impossibilitava de exercer a minha humanidade, como se o ato de estudar não fosse para mim, porque, na minha perspectiva, eu era incapaz de compreender conteúdos complexos. Só fui entender melhor sobre esse assunto quando entrei no campo da educação e compreendi o impacto do racismo na formação da intelectualidade de uma criança negra. Até hoje isso surte efeito sobre mim, às vezes eu me esqueço do processo de abstração e que isso requer tempo e paciência. A sociedade atual encara as composições da vida com imediatismos, com resultados rápidos. E todo nosso esforço intelectual parece ser medido com a utilidade que ele tem no mundo do trabalho e sabemos quais as consequências disso e podemos começar pela homogeneização das coisas, no sentido objetivo e subjetivo da humanidade.

O *modus operandi* das coisas faz com que eu nos denomine como intelectuais marginais, primeiramente pela forma como construímos o conhecimento, e segundo por

como somos socialmente tratadas. Carolina, eu poderia escrever uma tese de doutorado explicando a forma ordinária que o racismo transpassa a minha vida e como dói ter plena ciência de que todas as situações de precariedade material que experiencio tem a ver com o fato de ser uma mulher negra.

O embranquecimento físico sempre esteve fora de cogitação para mim, mesmo sonhando que um dia eu iria acordar sendo uma mulher branca porque Deus seria gentil comigo. Eu sou uma mulher negra retinta, Carolina, igual a você, então não existe qualquer possibilidade de branquitude para nós a não ser a subjetiva que para mim é a mais dilacerante. Eu sempre sinto que a branquitude é mais violenta com mulheres como nós, nos impossibilitando de ocupar certos lugares por sermos negras demais.

Portanto, diante a essa impossibilidade de me tornar fisicamente uma pessoa branca, fui me adequando a comportamentos coloniais e ser completamente passiva a violência, tentando fugir do estereótipo da “negra raivosa” porque na minha concepção isso retirava de mim a humanidade, como se minha máxima fosse ser uma mulher descontrolada. Eu só queria ser vista como uma intelectual, o que não mudava absolutamente nada, as pessoas ainda olhavam para mim como um ser inferior, nunca me viam em equidade a elas. Carolina, só o meu corpo estremecia qualquer lugar que eu estivesse e eu sempre estive à margem, não me encaixava em nada. E toda vez que estamos presentes em um lugar onde não seja na subserviência, aquele ambiente será hostil e sempre irá nos lembrar que não somos bem-vindos. Era o que a mídia fazia com você, Carolina, a comparando com uma empregada durante o lançamento de um livro.

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, Quarto de despejo, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro. (MOSER, Benjamin, 2011, p. 25)

Bitita, eu sinto muito por ter sido colocada novamente em um lugar que sempre tentou fugir. Você passou grande parte da vida sendo considerada uma “empregada indisciplinada”, já que não era boa com serviços domésticos. O seu negócio sempre foi a escrita, sempre girou em torno da idealização de trabalhar em uma editora “longe dos fogões”⁴.

Em uma entrevista ao programa "*Speaking Freely*", realizada por Ken Paulson, em 2002, bell hooks afirmou que ao encontrar pessoas negras que desafiam a lógica de estereótipos raciais, pessoas brancas ao invés de admitirem suas limitações em relação as suas ideias sobre pessoas negras, elas vão criar uma nova forma de defesa daquele pensamento. Benjamin Moser é incapaz de a observar enquanto uma escritora, porque existem determinados mitos que restringe nos a uma determinada camada social, como se fossemos pessoas que têm dificuldades no desenvolvimento cognitivo, estando predispostas a exercerem trabalhos braçais (teoria racista oriunda da Ciência no século XVII), logo a primeira referência de Benjamin ao se deparar com uma mulher negra em um

⁴ JESUS, 1942 *apud* FARIAS, 2018, p. 137

ambiente que não é corriqueiro, sua imagem é associada a de uma empregada doméstica, mesmo você estando em um espaço literário e sua obra ter sido traduzida em quatorze línguas diferentes e ter vendido mais de um milhão de exemplares.

A intelectual Neusa Santos Souza (1983) fala que o mito é um discurso cujo objetivo é produzir algo ilusório. Os mitos ou estereótipos negros, são uma forma de controle sobre os nossos corpos que limitam a nossa subjetividade nos colocando como massa única, como “coisa de preto”. Demorei muito tempo para entender que a passividade também era um estereótipo que me anesthesiava, porque não queria estar associada a uma versão negativa de ser negro. E me anesthesiava a tal ponto de achar que o meu “fracasso” era por falta de esforço, esquecendo completamente toda a problemática racial. Você era uma das poucas pessoas letradas na cidade de Sacramento e mesmo assim não conseguia ascender socialmente, nada tinha a ver com fracasso ou falta de esforço, porque se tem uma coisa que você fez a vida toda foi trabalhar.

Em um desses dias comuns eu estava ouvindo um episódio de podcast sobre o fracasso e uma das frases pronunciadas por uma das apresentadoras, a Ana Roxo, foi a seguinte: “fracasso nem existe é só uma perspectiva sobre a expectativa, seja sua, seja dos outros”⁵. Eu nunca tinha parado pra pensar nisso. Se não cumprimos aquilo que planejamos, nos consideramos fracassados. Se não conseguimos entrar no molde capitalista de acumular coisas, normalmente supérfluas, somos fracassados. Quem dita o que é fracasso? Se pararmos para pensar, Carolina, o fracasso não faz sentido, porque tudo que esperamos são grandes resultados.

Esse também é um ponto importante da minha reflexão, os grandes resultados. Em uma sessão de terapia, a minha psicóloga destacou duas palavras que eu falava muito, quando ia expressar meus sentimentos confusos sobre a escrita, “mais” e “melhor”. Precisei recorrer à terapia há pouco mais de um ano para lidar com um estresse esmagador que consumia a saúde mental, não tive muitas alternativas. Portanto, nesse molde, eu deveria fazer mais para poder escrever melhor. Isso seria muito óbvio caso eu não procrastinasse tanto para escrever, esperando o melhor momento para ter um grande resultado. Um perfeccionismo baseado na lógica meritocrática. Obviamente isso não surge do nada, acredito que isso tem a ver com a excelência negra, em que devemos sempre ser impecáveis para alcançar determinados lugares. Se você é uma pessoa negra, você precisa fazer mais e melhor do que as outras pessoas, senão não há possibilidade de destaque, logo é necessário dar tudo de si. Essa lógica com resquícios racistas afeta a minha escrita espontânea e afeta todo o processo através dela. É uma forma de desumanização muito sutil.

E é importante resgatar essas reflexões para lembrar a nossa potência e expandir quem nós somos sem as amarras coloniais. Na academia existe um termo chamado de epistemologia que, a grosso modo, podemos dizer que é o estudo do conhecimento. A Patricia Hill Collins (2019) fala que a produção de conhecimento de pessoas negras é construída a partir da cultura, desse modo, é através das músicas e da literatura que nós expressamos formas de conhecimento e também denunciemos as opressões que vivemos no cotidiano. Como eu disse lá atrás, as circunstâncias históricas, políticas e sociais impedem a nossa inserção em um ambiente de educação formal que consequentemente também limita a nossa produção de conhecimento no âmbito acadêmico, então nós

⁵ Episódio “Fracasso” do podcast Diário Possível (Mas Inventado).

chamamos de epistemicídio quando somos impedidos de produzir academicamente, ou quando temos as nossas formas de saber invisibilizadas.

Mesmo estando em um ambiente acadêmico, não estamos isentos de sofrer violência racial, às vezes a violência é sofisticada, como por exemplo não ter políticas de permanência na faculdade ou quando a nossa pesquisa é tratada implicitamente como menor. A universidade é um ambiente hostil para pessoas negras, porque esse lugar não foi feito para nós, Carolina.

Um homem branco utiliza a instituição de ensino superior na maioria das vezes para pesquisar sobre a realidade em que ele vive, por isso por muito tempo tivemos uma apagamento sobre as complexidades raciais presentes no país, tanto que o racismo era tratado como algo inexistente no país. Esses homens se colocavam/colocam como centro do mundo, eles produziam e validavam o que era ou não considerado conhecimento. Imagina, Carolina, um corpo igual ao meu, ou ao seu, andando pelos corredores de uma *Harvard University* e nem precisamos ir tão longe, uma Pontifícia Universidade Católica (PUC) na década de 1950, eu nem preciso me estender nesse ponto, porque você viveu experiências similares.

A Patricia Hill Collins (2016) chama de *outsiders*, forasteiras, em tradução livre, as mulheres negras que estão na marginalidade do contexto acadêmico, eu chamo de intelectuais marginais. É o que nós somos, produzimos o conhecimento apesar de, sem herança e indicações, produzimos do zero e nos movimentamos através dos nossos sonhos.

3. CONCLUSÃO

Carolina, a sua literatura me atravessa. Você sempre esteve corpo a corpo com a vida e mesmo com todas as limitações materiais, você nunca deixou de sonhar, nunca deixou de tentar. E para mim isso é uma fonte de inspiração, uma representação de força e resgate da humanidade. Eu cresci sonhando em me adequar a padrões inalcançáveis de beleza, escrita e intelectualidade. E observar você com desprendimentos coloniais estranhamente me causa um alívio, porque consigo respeitar os meus processos e aquilo que eu sou, porque em toda sua trajetória você reafirmava aquilo que era e tinha muita certeza daquilo que queria ser: uma escritora. E aqui eu poderia explorar algumas mazelas, Carolina, mas eu só queria experienciar algumas questões subjetivas como a escrita e a intelectualidade que é algo em comum que ambas temos,

Considero essa carta como uma maneira de honrar a sua memória sem o perfeccionismo acadêmico, acredito que isso também faz parte ao homenagear a potência que você foi e tudo aquilo que nos deixou. A carta é um recurso metodológico de escrita que desafia os padrões da academia, porque é uma escrita muito subjetiva, mais livre e utilizada para entender os fluxos da cidade. Essa metodologia é importante para mim, porque eu não queria falar sobre você e sim para você, Carolina.

REFERÊNCIAS

- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- DIARIO POSSÍVEL (MAS INVENTADO): Fracasso. Entrevistadoras: Ana Roxo e Tati Fidel**. 26 ago. 2022. Podcast. Disponível:
<https://open.spotify.com/episode/777cRGDPGzdIV02zY0FIHu?si=jW3LDINPQDORQDL2D4nRJQ>. Acesso em: 8 out. 2023.
- FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
- GABRIELA MANNA. **Entrevista completa com bell hooks**. YouTube. 20 abr. de 2020. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=99JN7PL-XaA&t=105s>. Acesso em 17 fev. 2024.
- GRADA KILOMBA: DESOBEDIÊNCIAS POÉTICAS**. Curadoria Jochen Volz e Valéria Piccoli; ensaio Djamila Ribeiro. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi/SP, 2016.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MOSER, Benjamin. **Clarice, uma biografia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.